



## VIOLÊNCIA, COLONIALISMO E EXCLUSÃO EM FRANTZ FANON

### *VIOLENCE, COLONIALISM AND EXCLUSION IN FRANTZ FANON*

DOI: 10.5281/zenodo.23272574



*José Milton de Carvalho Neto*<sup>1</sup>

*Gustavo de Andrade Durão*<sup>2</sup>

*Fernando Tadeu Germinatti*<sup>3</sup>

#### RESUMO

O presente artigo analisa a trajetória revolucionária de Frantz Fanon e a elaboração de sua teoria da violência anticolonial no contexto da Guerra de Libertação da Argélia (1954–1962). Justifica-se a pesquisa pela necessidade de superar leituras reducionistas de sua obra, examinando o conceito de contraviolência em sua dimensão ética, política e descolonizadora. O objetivo geral consiste em compreender como Fanon articula a práxis revolucionária à crítica da exclusão e da violência estrutural do colonialismo. A metodologia baseia-se em uma pesquisa qualitativo-bibliográfica, pautada na análise hermenêutica das obras fanonianas em diálogo com comentadores pós-coloniais. Os resultados indicam que a violência anticolonial não representa um elogio à brutalidade, mas a radicalização do direito de resistência à opressão diante da cegueira moral e da opressão física e simbólica da metrópole. Conclui-se que a práxis de Fanon atua como instrumento de emancipação e restauração do sujeito, visando a construção de um novo humanismo.

**Palavras-chave:** Frantz Fanon; Violência Colonial; Descolonização; Emancipação; Guerra da Argélia.

#### ABSTRACT

This article analyzes the revolutionary trajectory of Frantz Fanon and the elaboration of his theory of anti-colonial violence within the context of the Algerian War of Independence (1954–1962). The

---

1 Mestrando em Sociedade e Cultura, Universidade Estadual do Piauí, UESPI. E-mail: [josemiltonneto06@gmail.com](mailto:josemiltonneto06@gmail.com).

2 Pós-doutorado em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ. E-mail: [gduiao@outlook.com](mailto:gduiao@outlook.com).

3 Doutor em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. E-mail: [germinattifer@outlook.com](mailto:germinattifer@outlook.com).





research is justified by the need to overcome reductionist readings of his work, examining counter-violence in its ethical, political, and decolonizing dimensions. The main objective is to understand how Fanon articulates revolutionary praxis with the critique of exclusion and structural colonial violence. The methodology relies on qualitative-bibliographical research, based on the hermeneutic analysis of Fanon's works in dialogue with post-colonial commentators. The results indicate that anti-colonial violence is not an exalting of brutality, but the radicalization of the right of resistance to oppression facing the moral blindness and physical and symbolic violence of the metropolis. It concludes that Fanon's praxis serves as an instrument for emancipation, restoring human dignity towards a new humanism.

**Keywords:** Frantz Fanon; Colonial Violence; Decolonization; Emancipation; Algerian War.

## 1. INTRODUÇÃO

Nesses breves momentos serão expostas algumas análises realizadas por especialistas do pensamento de Frantz Fanon no que diz respeito ao seu percurso revolucionário. Por meio de suas tomadas de atitude e de seu discurso, busca-se a reflexão da violência como método utilizado contra o colonialismo e, em específico, para a emancipação da Argélia. As análises também buscam interpretar as leituras feitas sobre Fanon e a preocupação em específico com as lutas de emancipação e o consequente projeto futuro para o continente africano, em que o escritor da revolução projetava um futuro comum para os países que buscavam se desvencilhar do colonialismo.

Frantz Fanon nasceu no ano de 1925 em uma família de classe média na ilha da Martinica, na época considerada possessão francesa, na América Central. Esse pensador gozou de uma infância confortável e de criação relativamente tranquila. Na Martinica, encontra-se uma estrutura racial sustentada pela administração colonial francesa, a qual exercia um forte controle político administrativo nos seus habitantes. A ilha possuía em si uma estrutura racial sustentada pela administração colonial francesa (Durão, 2016). Do outro lado do Atlântico a Argélia, igualmente colonizada pela França possuía uma composição social que, desde 1887, era mantida à custo de grande exploração econômica (HOUDDOUR, 2006).

O eminente pensador foi educado na escola laica, mas estava completamente influenciado pela política assimilacionista da França. Os livros que circulavam na escola só abordavam as glórias e conquistas da metrópole exaltando as conquistas de “nossos ancestrais





os gauleses”. Assim como em outras colônias os pensadores imigrados, através do acesso ao sistema de ensino da metrópole, tinham destaque diferenciando-se dos outros súditos coloniais. Os professores ensinavam a história retomando as suas tradições francesas, privilegiando a cultura e história europeias, desconsiderando o passado antilhano. De fato, resultado disso é que até 1940 nenhum antilhano se considerava ou se pensava preto (Fanon, 2008).

A sua trajetória foi bastante rica, tanto quanto foi complexa, porque quando iniciou os seus estudos universitários estava entre uma capacitação médico-científica e uma jornada mais humanista-filosófica. Para além das suas dificuldades de adaptação na metrópole, Fanon constrói um vasto material de análise da psique humana, o qual na verdade foi rejeitado pela faculdade de psiquiatria como tese para concluir o seu curso. Assim, Fanon busca a psicanálise para explicar a visão de mundo do homem negro. Como nos lembra (BETI; TOBNER, 2007):

Especializado em psiquiatria agora que lhe foi recusado as suas reflexões sobre a imagem do negro no psiquismo europeu, como tese de doutorado, ele fez *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Na contramão da aproximação com a négritude, toda ela repelida por si mesma, seu ensaio brilhante marca o advento de uma consciência negra dinâmica caindo com gosto e com uma insolente eficácia sobre estereótipos do racismo. Fanon não parou de ofuscar os discursos dominantes, em que ele elege como alvo as formas mais hipócritas, reduzindo a nada as hábeis mistificações dele. Ele jamais será perdoado por isso (Beti; Tobner, 2007, 107).

Para Fanon o contato com a questão racial ocorreu de maneira peculiar, pois ele começava a ter suas primeiras vivências mais concretas da discriminação quando ingressava nas fileiras do exército francês, lutando nos conflitos finais da Segunda Guerra contra a Alemanha nazista. Logo, é possível inferir que é no momento que o negro tem contato com o mundo dos brancos que ele sente o peso de sua cor (Fanon, 2008). Ao retornar da Segunda Guerra, em 1946, aproximou-se do nacionalismo cultural de Aimé Césaire e das noções da filosofia da négritude difundidas mais amplamente no pós-Segunda Guerra.

Mais concretamente, ao chegar no ambiente de Lyon compreendeu o seu fator de alteridade, bem como a discriminação da sociedade francesa. Buscou parte de uma colônia de imigrantes da Martinica na metrópole, onde seu estranhamento foi um pouco amenizado. Aos



poucos ia percebendo que as teorias elaboradas por seu antigo mestre se concretizaram e o seu lugar de homem negro ser bem demarcado por todo o seu entorno.

Para tanto, em Fanon, não são as razões objetivas que movimentam o racismo que lhe interessam, mas sim como é interiorizado pelo negro (Ortiz, 1995). Outro ponto que é necessário contextualizar foi a sua ida para a Argélia para trabalhar no hospital psiquiátrico de Blyda-Joinville quando o seu trabalho o levou a repensar a sua profissão e a sua responsabilidade em relação ao preconceito com os árabes que chegavam até ele para tratamento. Historicamente a Argélia já havia passado por investidas por parte do governo francês, o que ocasionou sérias dificuldades político-administrativas e consequentemente impossibilitando um projeto de emancipação a longo prazo para esse país.

O primeiro distúrbio acontece em Sétif e Guelma, no fim das manifestações do 1º de maio e do 8 de maio de 1945, quando ecoa o grito de “Libertem Messali” – Messali Hadji, presidente do Partido do Povo Argelino, condenado a trabalhos forçados em 1941. Em 1947, Paris concede um novo estatuto à Argélia, criando, em particular, uma assembleia argelina, eleita por um “duplo colégio”: 1 milhão de franceses da Argélia dispõem do mesmo número de eleitos que os muçulmanos, que, no entanto, são oito vezes mais numerosos... (FERRO, 2017, p.152).

Foi em grande parte da Batalha da Argélia (1954-1962) que Fanon pode atuar mais diretamente e foi quando surgiu a sua teoria da violência. Diante disso, assim, é necessário perceber que: “Na ótica fanoniana, a violência do colono sobre o colonizado não opera apenas por meios físicos, mas também no nível moral, uma vez que ele se coloca como detentor de valores éticos e morais impossíveis de serem assimilados pelos colonizados” (Danfá, 2020, p.9). Importante mencionar que a entrada de Fanon no Brasil, assim como em outras partes do continente latino-americano e do mundo ocorre quando a violência revolucionária manifestava-se (Guimarães, 2014).

## 2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa teórica de natureza básica e abordagem qualitativa, com objetivo exploratório-analítico (Gil, 2008). A investigação





fundamenta-se no exame crítico-conceitual do pensamento de Frantz Fanon, buscando compreender as articulações entre violência colonial, exclusão e emancipação política no contexto da Guerra de Libertação da Argélia. Como procedimento técnico, adotou-se a pesquisa bibliográfico-documental, alicerçada na seleção e análise hermenêutica das obras fundamentais de Frantz Fanon, destacadamente *Pele Negra*, *Máscaras Brancas* de 1952 e *Os Condenados da Terra* de 1961, em diálogo com a fortuna crítica de comentaristas dos estudos pós-coloniais.

### 3. REFLETINDO SOBRE OS IMPACTOS DO PENSAMENTO DE FANON

Desse momento em diante, vamos buscar traçar algumas questões que nos chamaram a atenção durante a pesquisa sobre a atuação de Fanon na Argélia. Causou-nos surpresa a pouca documentação sobre o papel de Frantz Fanon no processo revolucionário (iniciado em 1954). Há algo de curioso na análise das fontes sobre este personagem, onde as poucas informações sobre a sua real participação na Guerra da Argélia (1954 -1961), são apagadas pela parte teórica que muitos escritores têm trabalhado sobre este escritor da Martinica. Assim, Fanon é utilizado para legitimar teorias que vão desde o fim do racismo instituído legalmente na década de 1960 nos Estados Unidos, como para a criação de um cânone ideológico, para a libertação dos países do Terceiro Mundo, que estiveram sob a égide do Imperialismo europeu – é o famoso *fanonismo crítico* (GATES JR, 1991, 467).

Inspirado nas suas leituras de Aimé Césaire, seu professor no liceu da Martinica, Fanon pôde constituir novas teorias sobre as relações hierárquicas dentro da situação colonial. Entre as décadas de 1930 e 1950, Césaire publica o famoso *Cahier d'un retour au pays natal* (Caderno de um retorno ao país natal) e *Discours sur le Colonialisme* (Discurso sobre o Colonialismo), sendo um dos principais organizadores do Movimento da Négritude. Em sua análise, Fanon aponta que os negros são comparados a todo momento se preocupam com autovalorização e com o ideal de eu. Analisa-se a dinâmica do duplo papel de Fanon enquanto escritor, pois sua sensibilidade de filósofo auxiliava-o nas reflexões existencialistas sobre o “ser negro no mundo”, e sua formação enquanto psiquiatra levava-o a refletir enquanto





médico, tratando os problemas sociais através de analogias médicas. Nessa ordenação, é possível pensar na relação do negro com o outro, na medida em que ele busca aprovação e é a todo momento associado à potencial sexual, ao pecado, à força (Fanon, 2008).

No campo da filosofia as obras de Jean Paul Sartre e Merleau-Ponty foram fundamentais para a sua formação intelectual. Na área da psiquiatria François Tosquelles foi a grande referência e guia para ele. Além disso, a preocupação humanista de Fanon abrangia elementos da antropologia na busca por uma ética dotada de elementos abstratos que suscitaram novas reflexões, pois dialogavam com várias áreas do saber (MACEY, 2011). Um breve aspecto a ser lembrado diz respeito aos usos (e abusos) que as teorias de Fanon causaram para o grande público, sobretudo, nas ciências humanas. Dito de outra maneira, será que as teorias de Fanon servem somente para explicar o racismo, ou mesmo o Terceiro Mundo?

De fato, essa apreciação não afeta nossa apropriação de Fanon como um indivíduo coletivizado, como uma alteridade em revolta, como a própria teoria do Terceiro Mundo? Eu falo é claro do nosso Fanon de quem Sartre escreveu o prefácio de *Os condenados da Terra*: O Terceiro Mundo encontra-se em si mesmo e fala de si mesmo pela voz dele. [...] "o ponto de vista de um Terceiro Mundo onde a dialética dos dois primeiros mundos é completamente reimaginada" porque ele escreve da perspectiva do cidadão atual do Terceiro Mundo atual (GATES JR, 1991, 467 - tradução nossa).

Através dessas análises, somos capazes de interpretar o mundo, pelos olhos de Fanon, contudo, não compreendendo a totalidade das suas inúmeras reflexões. Não pretendemos abordar o que compreendemos como "fanonismo crítico", mas compreender de que forma ele chega nas suas conclusões tão bem direcionadas sobre a violência. Por conseguinte, observa-se que: "Fanon quando afirma a existência de uma atmosfera de violência, afirma também uma tomada de consciência do povo colonizado que na mesma violência que recebe, encontra meios para ressignificá-la e enfrentá-la" (Lopes; Toneli; Oliveira, 2022, p. 1524).

Pode-se dizer que foi no seu livro "*Pele Negra, Máscaras Brancas*", 1952, que Frantz Fanon, estabelece uma série de relações entre o conceito de *négritude* e o desencanto com parte do universo cultural francês, sobretudo, através do prefácio do filósofo existencialista





Jean-Paul Sartre intitulado *L'Orphée Noir* (Orfeu Negro). Sob esse aspecto, foi uma das primeiras vezes que Fanon compreende que não havia mais caminho pela via dos signos do colonizador (Nielsen, 2013). Não obstante, aqui é preciso compreender que: “Para Fanon, o que sente o colonizado que visita a metrópole é semelhante ao que sente o camponês ao visitar a capital. Nesses casos, repete-se o mesmo processo: a necessidade de assumir uma posição em relação à posição do outro Fanon” (Flores; Severo, 2023, p. 0932).

Segundo Fanon, ao mesmo tempo que Sartre recupera o conceito de *négritude*, ele esvazia toda a riqueza do conceito, já que a experiência do escritor negro não podia representar uma única bandeira de luta. Essa definição de um racismo anti-racista tornava o conceito mais complexo, já havia se apropriado da linguagem do colonizador e produzia-a (FANON, 2008, pp.107-108). Destarte, é necessário acerca de Fanon entender que:

Ele é um homem além do seu tempo, na medida em que traz reflexões importantes no campo da psiquiatria sobre as consequências psíquicas do imperialismo, por meio da atmosfera violenta causada pelo colono. Fanon quer demonstrar na sua obra que a ideia do homem branco que acredita ser “universal” não se sustenta, na medida em que no mundo colonial escravista e no mundo indígena se revelou uma cultura nascida da imoralidade e da violação dos princípios civilizatórios. Acredita-se, portanto, que o homem branco-europeu, não é modelo universal e, sim, parte de um conjunto mais amplo da humanidade (Danfá, 2020, p.12).

#### 4. SURGIMENTO E A DISSEMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA COLONIAL

A inserção de Frantz Fanon na Guerra de Libertação da Argélia (1954–1962) representa um divisor de águas crucial em sua trajetória intelectual e política. Após sua experiência clínica no Hospital Blida-Joinville, onde diagnosticou em profundidade o caráter patológico e estrutural do colonialismo, o pensador martinicano compreendeu que a opressão colonial não se mantinha por meios persuasivos ou institucionais, mas por uma violência física e simbólica ininterrupta. “É impossível pensar os sujeitos negros/os, bem como no que podemos tomar como processos subjetivos negros/os, sem levar em consideração a força que a colonialidade tem na construção da maquinaria da racialidade” (Lima, 2020, p.84).





Nesse cenário compartimentado e profundamente maniqueísta, em que o regime metropolitano nega ao colonizado a própria condição de sujeito, a formulação da contraviolência fanoniana emerge não como uma apologia à brutalidade, mas como um imperativo de sobrevivência e libertação humana. Ao analisar essa inflexão decisiva no pensamento de Fanon, Azar (2014, p. 51) demonstra como sua teoria anticolonial se conecta diretamente aos próprios pilares normativos da modernidade ocidental, reconfigurando um dos princípios centrais das revoluções burguesas europeias:

É nesse contexto sangrento da guerra na Argélia que Fanon elabora a teoria dele sobre a violência revolucionária. Fanon ingressou assim numa tradição revolucionária cujos herdeiros, de diversas maneiras, puseram ênfase no célebre princípio da Revolução Francesa, à saber o direito de “resistência à opressão” (Azar, 2014, 51 – Tradução livre dos autores).

Dessa forma, apresenta-se, em primeiro lugar, a profunda ironia e contradição que atravessam o empreendimento colonial europeu. Ao invocar o célebre princípio da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, o direito inalienável de "resistência à opressão" o autor demonstra que a práxis revolucionária de Fanon não constitui um rompimento irracional com a civilidade, mas a radicalização de um valor universal que o próprio Ocidente proclamava, porém negava sistematicamente aos povos submetidos ao seu domínio. Ao confinar o colonizado a uma "zona de não-ser" e privá-lo de reconhecimento ético e político, a França metropolitana tornou a via revolucionária o único recurso de afirmação da dignidade e de superação da barbárie colonial.

Sob essa perspectiva analítica, a violência em Fanon deve ser compreendida em sua dimensão dialética e desalienante. Longe de se traduzir como mero ressentimento ou impulso cego, a reação armada do colonizado opera como uma contraviolência necessária diante de um sistema que só se expressa pela linguagem da força e da desumanização cotidiana. Como o próprio Fanon argumenta em *Os Condenados da Terra*, o mundo colonial é um mundo cindido por baionetas e opressão estrutural. Logo, a reapropriação da força pelo oprimido funciona como um ato de restauração da integridade psíquica e social, permitindo que a





coletividade dominada abandone a passividade e se constitua como agente ativo de sua própria história.

Dito de outra forma, é impossível a descolonização por meio da espera do bom senso ou benevolência pacifista dos colonos. Fanon salienta, ainda, que as massas coloniais perceberam de forma inequívoca que a liberdade só era possível pelo uso da força que os restava. Ou seja, uma vez enfraquecidos, famintos e sem técnicas, cabe aos homens do campo o uso da violência contra violência (Danfá, 2020, p.10).

Por conseguinte, a análise de Azar serve de ponte para expor o que se pode classificar como a cegueira moral da metrópole colonizadora. A reação argelina só causava estarrecimento à opinião pública francesa porque o Ocidente recusava-se a enxergar a violência primária que exercia diariamente sobre a população nativa por meio de massacres, torturas e destruturação cultural. Assim, ao reinserir a luta anticolonial na tradição da "resistência à opressão", a tese fanoniana expõe a seletividade e o racismo inerentes ao humanismo europeu, demonstrando que a verdadeira emancipação humana exigia dismantelar as estruturas coloniais que impediam a realização dos próprios valores de liberdade e igualdade. É preciso lembrar do processo histórico de abolição da escravatura em várias colônias, que ocorreu de cima pra baixo, algumas vezes sem participação dos negros.

Contudo, a recuperação teórica do direito de resistência expõe uma assimetria fundamental na percepção ética e política do conflito. Se, por um lado, o movimento de libertação argelino se legitimava ao invocar os próprios valores universais da modernidade Ocidental, por outro lado, a opinião pública e as instâncias governamentais francesas reagiam à eclosão da contraviolência revolucionária com profundo espanto, estupefação e repúdio moral. Esse aparente paradoxo revela não uma falha episódica de juízo da metrópole, mas uma cegueira estrutural inerente ao próprio projeto colonial: a incapacidade do colonizador de reconhecer que a ordem por ele imposta já era, em si mesma, um estado permanente de agressão. É precisamente esse descompasso de percepção que (Azar, 2014, p. 52) elucida-se ao desvelar a verdadeira natureza do "escândalo" moral francês:

Dito de outra maneira, a violência revolucionária na Argélia não deveria ter sido notada como um escândalo entre os franceses, se ela não era justamente a incapacidade da França de perceber sua própria violência – simbólica e física – direcionada ao povo colonizado (Azar, 2014, 52 – Tradução livre dos autores).





Essa reflexão desmascara a hipocrisia constitutiva do discurso colonial europeu, que operava por meio de uma dupla valoração da violência. Enquanto o Estado francês se autoimagem como o berço da civilização e dos direitos fundamentais, mantinha na Argélia um regime de sujeição baseado na pilhagem, no racismo institucional e na negação da cidadania aos nativos. Como o próprio Fanon diagnostica tanto em *Pele Negra, Máscaras Brancas* quanto em *Os Condenados da Terra*, o colonialismo não se estabelece por persuasão, mas pelo uso sistemático da força militar e por uma violência simbólica devastadora, que rebaixa o colonizado a uma "zona de não-ser" e destrói suas referências socioculturais.

O choque moral da sociedade metropolitana diante da reação anticolonial resulta, portanto, do fato de a violência ter deixado de ser um monopólio exclusivo do colonizador. É por essa razão que Azar (2014) argumenta que a experiência concreta do povo argelino desnudou a inviabilidade de se buscar a libertação por meio do diálogo com a metrópole. Para o pesquisador, a prática violenta do Estado francês na Argélia jamais se limitou a uma fase acidental ou provisória; pelo contrário, definiu desde o início a arquitetura da ocupação imperial, cujas marcas centrais foram os massacres populacionais, o confinamento em campos de concentração, as surtadas de violência racista (ratonnades) e o aniquilamento metódico da dignidade da população nativa.

Assim, ao explicitar que a presença colonial se funda na desumanização cotidiana, é evidente que a contraviolência revolucionária se torna o único caminho ético e prático possível. Ao expor a natureza terrorista da ocupação francesa, compreende-se que a violência anticolonial em Fanon não é uma opção ideológica voluntarista, mas a consequência inevitável da recusa do colonizador em reconhecer o colonizado como igual. Ao romper com a passividade e enfrentar o aparato coercitivo que o sufoca, o povo oprimido converte a resistência em um instrumento sociodiagnóstico e libertador, capaz de implodir a estrutura colonial e refundar as bases do reconhecimento humano.

Essa impossibilidade de mediação pacífica com o poder colonial traduz-se, na obra de Fanon, em uma virada decisiva no modo de organização política do oprimido. Em *Os Condenados da Terra*, o autor demonstra que a violência anticolonial deixa de ser um mero





levante espontâneo para se converter na própria consciência tática das massas organizadas. Fanon apreende essa transformação radical ao indagar e diagnosticar:

O que é então na realidade essa violência. Como vimos é a intuição de que têm as massas de que sua libertação deve efetuar-se pela força. [...]. Porque a violência e aí é que reside o escândalo, pode constituir-se quanto a método a palavra de ordem de um partido político" (Fanon, 1968, p. 56).

Ao converter a contraviolência em programa e método, o movimento anticolonial rompe expressamente com as ilusões reformistas. Conforme sinaliza Fanon (1968), obedecendo a essa rigorosa dialética de libertação, as forças de oposição nacional passam a abandonar com manifesto desprezo as vias parlamentares e conciliatórias. Essa repudição aos canais institucionais oferecidos pela metrópole reflete a compreensão cabal de que a ordem jurídica colonial serve apenas para perpetuar a dominação sob uma máscara de legalidade. A eclosão da luta armada indica, assim, a determinação irrestrita do povo colonizado em depositar sua confiança exclusivamente nos meios violentos como a única via real e eficaz de emancipação política. Cria-se, desse modo, um estado de conflagração total no qual a rotina sob a tirania colonial se desmorona em definitivo. Na síntese fanoniana, compreende-se que, sob essa atmosfera sufocante, a cotidianidade pacífica se torna simplesmente impossível, culminando em um cenário no qual a "violência do regime e a contraviolência do colonizado equilibram-se e correspondem-se numa extraordinária violência recíproca" (Fanon, 1968).

Essa "violência recíproca" não deve ser interpretada como um ciclo irrefletido de barbárie, mas como a consumação dialética do processo de descolonização. Ao responder à violência fundacional do regime com a contraviolência organizada, o colonizado dismantela o monopólio da força até então exercido pela metrópole, destruindo a atmosfera de passividade e alienação psíquica que o aprisionava. A cotidianidade torna-se "impossível" precisamente porque a estrutura colonial dependia da aceitação silenciosa da opressão; quando o oprimido reage de forma simétrica, o mundo compartimentado que dividia colonizadores e colonizados entra em colapso, abrindo caminho para a reconstituição do homem novo.





Diante da complexidade que envolve a práxis revolucionária fanoniana, torna-se imprescindível desfazer equívocos interpretativos recorrentes. Diferentemente das leituras caricaturais que reduzem sua obra a um mero elogio da conflagração sangrenta, o pensamento de Fanon constitui, na sua essência, uma defesa intransigente da vida, da liberdade, da igualdade e da solidariedade entre os seres humanos (Mbembe, 2012). Ao diagnosticar o racismo não apenas como preconceito individual, mas como uma forma cotidiana e estrutural de exclusão, materializada inclusive na tortura institucionalizada pelo exército colonial francês, o pensador martinicano ergueu toda a sua formulação teórica em prol do direito inalienável dos povos à autodeterminação.

Essa virada analítica projeta Fanon como uma das figuras mais influentes dos estudos pós-coloniais. Ao afastar-se do essencialismo cultural da geração anterior da *Négritude*, o autor operou uma articulação muito mais profunda e complexa entre racismo, produção cultural e estrutura de classes (Young, 2005). Ao demonstrar que a dominação raça-cultura é instrumentalizada para perpetuar as desigualdades materiais do capitalismo periférico, Fanon identificou que a emancipação do colonizado exigia não apenas o resgate de uma identidade subjugada, mas a destruição das bases materiais que sustentavam a assimetria colonial.

Desse modo, a noção da violência no pensamento fanoniano não pode ser descontextualizada do seu solo histórico e ético. Em sua obra monumental, *Os Condenados da Terra*, a violência não surge como um fim em si mesma, mas como o pano de fundo inevitável para tratar de um problema infinitamente maior: a urgência da descolonização e a superação das preocupações étnico-raciais impostas pelo imperialismo (Hoddour, 2006).

A trajetória violenta do oprimido é o resultado direto da própria história da dominação colonial. A opressão e a exclusão foram naturalizadas de tal modo que o confronto armado passou a integrar a própria "experiência vivida" do colonizado, tornando a contraviolência um imperativo histórico e psicológico para encerrar o ciclo de sujeição (Hoddour, 2006; Mbembe, 2012). Nesse contexto, Fanon apreende o colonialismo como uma verdadeira patologia social e psíquica. Em *Os Condenados da Terra*, o autor desdobra uma rica investigação





sociodiagnóstica que expõe como as neuroses, os traumas e o esfacelamento da subjetividade do nativo são produtos diretos do jugo metropolitano (Mbembe, 2012).

Todavia, o conceito de violência em Fanon possui uma natureza eminentemente política, suplantando a mera abordagem clínica. Analisando o conflito em escala internacional, ele demonstra que a violência foi o método primário escolhido pelo colonizador para subjugar os povos periféricos; logo, a reapropriação desse instrumento pelo colonizado surge como uma decisão tática e consciente para alcançar a liberdade e restaurar a soberania (Mbembe, 2012).

Por final, olhar fanoniano acerca da violência delineia uma árdua "via de subida", um caminho doloroso, porém eficaz, rumo à reconquista da condição humana. Para o pensador antilhano, a prioridade absoluta residia no desmantelamento radical do sistema colonial para que, somente a partir dessa tábula rasa, pudesse ressurgir a dignidade, a humanidade e a solidariedade entre os homens. A contraviolência revolucionária opera, assim, como o catalisador ético que limpa o terreno da alienação colonial, permitindo o nascimento de um novo sujeito histórico e a refundação do humanismo em bases genuinamente universais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desenvolvida neste artigo buscou reconstruir a trajetória intelectual e política de Frantz Fanon, situando a emergência de sua teoria da violência revolucionária no solo concreto da Guerra de Libertação da Argélia (1954–1962). Ao perpassar suas reflexões clínicas e filosóficas, da crítica ao racismo assimilacionista em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) ao diagnóstico da práxis anticolonial em *Os Condenados da Terra* (1961), demonstrou-se que a contraviolência fanoniana não constitui um impulso irracional ou uma exaltação voluntarista da brutalidade. Pelo contrário, trata-se de uma resposta tática, ética e politicamente fundamentada diante de um regime imperialista cuja manutenção dependia da opressão física, da pilhagem econômica e da desumanização diária dos sujeitos colonizados. Em Fanon, a única forma de se libertar é por meio da violência.





Através do diálogo crítico com analistas do pensamento fanoniano, evidenciou-se a profunda contradição constitutiva do discurso colonial europeu. Ao ancorar a insurgência argelina no princípio republicano da "resistência à opressão", a práxis de Fanon voltou os próprios postulados universais da modernidade ocidental contra a metrópole francesa, desnudando a cegueira moral e a seletividade do humanismo europeu. Ficou manifesto que o verdadeiro "escândalo" não residia na reação armada do oprimido, mas na incapacidade do Estado colonizador de enxergar a violência primária e estrutural, simbolicamente materializada no racismo e fisicamente expressa na tortura, nos massacres e nas ratonnades, que exercia sobre a população nativa.

Diante do fechamento de todos os canais de interlocução e da falência das vias parlamentares e reformistas, a luta armada consolidou-se como o único método capaz de implodir a cisão maniqueísta do mundo colonial e romper a atmosfera de alienação. Em última análise, a contribuição de Fanon para os estudos pós-coloniais ultrapassa a dimensão sociodiagnóstica da patologia colonial. Ao apreender a descolonização como um processo necessariamente radical, o pensador antilhano vislumbrou a contraviolência como um instrumento de restauração psíquica e social, responsável por libertar o colonizado da "zona de não-ser" e devolvê-lo à condição de agente de sua história.

Longe de encerrar sua reflexão no conflito, o horizonte de Fanon permanece irrestritamente humanista: o dismantelamento das estruturas de dominação surge como a "via de subida" indispensável para que, sobre as ruínas do colonialismo, possa desabrochar uma nova humanidade fundada na dignidade, na igualdade e na solidariedade entre os seres humanos.

## REFERÊNCIAS

AZAR, Michael. **Comprendre Fanon**. Paris: Max Milo, 2014.

BETI, Mongo; TOBNER, Odile. **Dictionnaire de la Négritude**. Paris: L'Harmattan, 2007.





DANFÁ, Lassana. Violência Civilizacional e Colonial no Olhar de Frantz Fanon e Sigmund Freud. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, n. spe, p. e230245, 2020.

DURÃO, Gustavo de Andrade. Frantz Fanon, um escritor múltiplo: trajetória intelectual, formação cultural e movimentação política. **ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 100–119, 2016. DOI: 10.22481/odeere.v0i1.1535. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/odeere/article/view/1535>. Acesso em: 1 out. 2026.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; SEVERO, Renata Trindade. Um estudo sobre a linguagem em *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 20, 2023.

GATES JR., Henry Louis. Critical fanonism. **Critical Inquiry**, v. 17, n. 3, p. 457-470, 1991.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A recepção de Fanon no Brasil e a Identidade Negra. **Novos Estudos – CEBRAP**. 2008, nº 81, PP 99-114.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HODDOUR, Azzedine. **The Frantz Fanon reader**. Londres: Pluto Press, 2006.

LIMA, Fátima. Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 80-93, 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672020000300007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 1 out. 2026.

LOPES, Fabrício Ricardo; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; OLIVEIRA, João Manuel de. O Conceito de Violência Atmosférica em Fanon: contribuições aos Estudos de Gênero. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. spe, p. 1518-1538, 2022. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180842812022000701518&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812022000701518&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 1 out. 2026.

MACEY, David. **Frantz Fanon: une vie**. Paris: La Découverte, 2011.

MBEMBE, Achille. **Frantz Fanon: par les textes de l'époque**. Paris: Les Petits Matins, 2012.





NIELSEN, Cynthia R. Frantz Fanon and the négritude movement: how strategic essentialism subverts Manichean binaries. **Callaloo**, v. 36, n. 2, p. 342-352, 2013.

ORTIZ, Renato. **Frantz Fanon: um itinerário político e intelectual**. Idéias, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 05–28, 1995.

*Recebido em: 02/10/2026*

*Aprovado em: 05/10/2026*

*Publicado em: 09/10/2026*

